VI CONGRESSO NACIONAL
DA ACO ABRIL/1982

PESQUISA: DESEMPREGO E AÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

ANÁLISE E APROFUNDAMENTO

1º CADERNO

VI CONGRESSO NACIONAL
DA ACO ABRIL/1982

PESQUISA: DESEMPREGO E AÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

ANÁLISE E APROFUNDAMENTO

1º CADERNO

Distribuição Interna

Endereçar os pedidos para:

ACO – Rua do Chichorro, 62
CEP 20 251 – Catumbi
Rio de Janeiro – RJ

Vinculado ao
Setor Leigos
– Linha 1
da **CNBB**

LEIA, REFLITA E DIVULGUE

OBJETIVOS DO CONGRESSO

Nos dias 8, 9, 10 e 11 de abril de 1982, realizou-se, no Rio de Janeiro, o VI Congresso da ACO.

O Congresso tinha como objetivos:

- ajudar os militantes de base a conhecer melhor as causas dos seus problemas, principalmente do desemprego, para influir mais na solução dos dos mesmos;
- avaliar a presença e ação da Igreja no meio operário e popular e a pedagogia adotada pela ACO para a formação de militantes e acompanhamento dos mesmos;
- traçar o plano de ação para os próximos 4 anos;
- eleger a nova Coordenação e Conselho Nacional.

A preparação e realização do Congresso em todas as etapas teve boa participação das equipes de base, tanto na escolha do tema geral: PROBLEMAS E AÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA FRENTE AO CAPITALISMO HOJE, como na preparação do questionário da pesquisa e de todo roteiro do Congresso.

Por esta razão, após o Congresso, atendendo sugestão das bases a nova Comissão Nacional resolveu publicar a síntese do mesmo em 4 cadernos, de acordo com os diferentes assuntos de interesse não apenas dos militantes da ACO, como de outras pessoas de movimentos afins.

1º Caderno:	Análise e Aprofundamento dos Problemas e ação da Classe Operária Frente ao Capitalismo, Hoje.
2º Caderno:	Presença e Ação da Igreja e da ACO junto à Classe Operária.
3º Caderno:	Desafios e Planejamento dos próximos 4 anos da ACO.
4º Caderno:	História dos 20 Anos da ACO.

Neste primeiro caderno falaremos da pesquisa da ACO.

A primeira parte do questionário foi formulada com perguntas abertas que permitiam respostas amplas, de acordo com o grau de visão e amadurecimento de quem

realizasse a pesquisa. A 2ª parte do questionário foi formulada com Assessoria do IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas). Por esta razão exigia respostas mais científicas e objetivas. As respostas dos dois questionários como veremos, se completam. Foram enviados 10 mil questionários às bases e 1.200 foram respondidos. Conforme o parecer dos Assessores, este número foi suficiente para os objetivos a que a ACO se propôs.

Basta averiguar o número de respostas de cada região para se concluir que foi bem representativo da realizade operária do País.

Rio Grande do Sul	–	56 respostas
São Paulo	–	288 respostas
Rio de Janeiro	–	413 respostas
Minas Gerais	–	284 respostas
Pernambuco	–	109 respostas
Piauí	–	37 respostas
Paraná	–	14 respostas

Lembramos que a avaliação da pesquisa foi toda ela feita com a participação de militantes da base e da Coordenação Nacional.

Agradecemos muito a Assessoria que a equipe do IBASE nos deu também nesta parte, principalmente a contribuição pessoal de Patrícia Cláudia Bullrich durante o Congresso para o aprofundamento da pesquisa no trabalho de grupos.

OBJETIVOS DA PESQUISA

- Tomar consciência da realidade do sistema e de suas implicações.
- Formar os militantes e dirigentes, tendo em conta o método e a pedagogia do movimento.
- Atingir os trabalhadores da área de influência dos militantes.
- Atingir a outros trabalhadores, ajudando-os a tomar consciência da realidade em que vivem para assumir as lutas operárias.
- Ajudar os militantes no seu engajamento ou na sua ação.
- Expandir a ACO.

Esta pesquisa só pode ser entendida dentro destes objetivos. Por ter sido organizada, realizada e avaliada por trabalhadores, é diferente de outros tipos de pesquisas. Ela não teria sentido para a ACO, a não ser como um exercício mais amplo do próprio método: Ver, Julgar e Agir.

Pelo resultado obtido, a pesquisa não é monopólio das classes dominantes como instrumento de análise; no nosso caso, esta é a atitude permanente de todo o militante da ACO.

Outra preocupação que devemos ter em conta ao refletirmos sobre os dados da pesquisa: Quais os dados reais? Os nossos ou os oficiais (do Governo)? Por exemplo: o Governo diz que existem 9% de desempregados. A pesquisa nos mostra 18% de desempregados. O Governo, por sua vez, considera que uma pessoa trabalhando de 3 a 4 horas semanais, possui um emprego. Nós não consideremos isto como emprego.

Em resumo, o que constatamos de importante na pesquisa:

- O nível de consciência do movimento operário no Brasil.
- O nível de participação do operário.
- A relação entre consciência e participação.

Todo aquele que participa tem consciência?. . . e vice-versa.

- Qual o nível de consciência do militante da ACO?
- Qual o tipo de engajamento dos militantes da ACO no meio operário?
- Qual o nível cultural das pessoas que estão sendo atingidas?
- A pesquisa, completada com outras análises, abre uma perspectivas e permite uma visão mais global do sistema capitalista.

Os dados que analisamos devem ser utilizados na prática: não são apenas teorias. O importante são os desafios levantados, e a partir dos resultados desta pesquisa, aproveitar o que nos possa ajudar no engajamento nos bairros, nos sindicatos, etc. . .

Os dados da pesquisa, foram agrupados em seis temas para facilitar a avaliação.

- Tema 1 – **DESEMPREGO**
- Tema 2 – **CONSCIENTIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO.**
- Tema 3 – **SALÁRIO**
- Tema 4 – **CONDIÇÕES DE VIDA, DE EDUCAÇÃO E HABITAÇÃO.**
- Tema 5 – **SEXO, COR E SALÁRIO.**
- Tema 6 – **ENGAJAMENTO DOS MILITANTES DA ACO.**

ANÁLISE E APROFUNDAMENTO DA PESQUISA NO CONGRESSO

Dados gerais da pesquisa.

Entre as pessoas entrevistadas que responderam:

50% eram brancas; 50% negras.
70% eram homens; 30% mulheres.

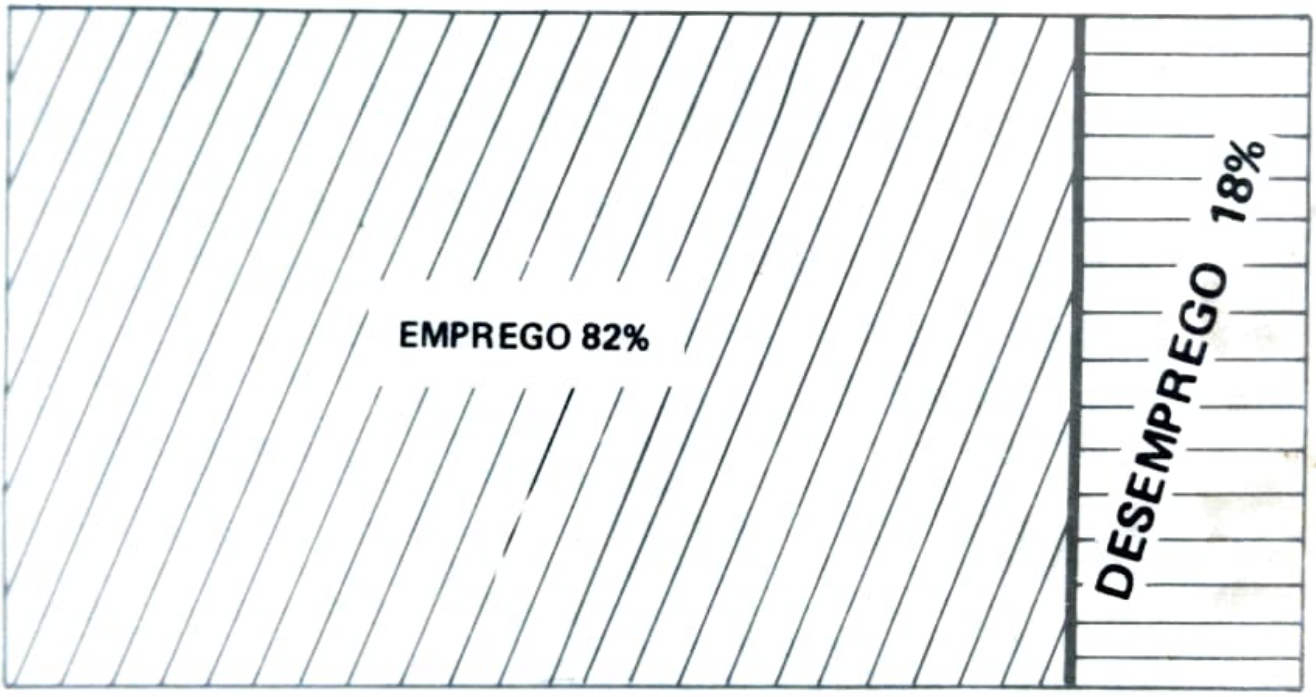
No meio operário, de acordo com a pesquisa, o número de mulheres que trabalham é menor do que o de homens.

Tema 1 – DESEMPREGO

Nas respostas do questionário sobre desemprego, constatou-se que 82% das pessoas pesquisadas, são empregadas e 18%, desempregadas.

Foi dito que o desemprego não é apenas um problema conjuntural. Ele é utilizado pelo sistema para manter a mão-de-obra barata. Ele é também conseqüência da modernização das empresas.

Além do desemprego, existe o subemprego. 20% das pessoas pesquisadas, estão trabalhando sem carteira assinada. Este número seria maior, se a pesquisa fosse realizada no meio rural.



À pergunta: Você se sente seguro no emprego?

29,1% responderam, sim; 59%, não; 11,9% não responderam.

O que significa estar seguro no emprego, para a luta da classe operária?

A insegurança é fator de desunião e medo. O número maior de pessoas, com medo de perder o emprego, foi encontrado entre os mais novos. Os que responderam sim, são pessoas que trabalham há mais tempo no emprego.

1.1. Causas do Desemprego:

28% apontaram como como causa a conjuntura política
2,9% ..... razões pessoais
3,8% ..... razões indefinidas
34,5% ..... conjuntura econômica

12,5% ..... culpa dos patrões
11,0% ..... razões diversas

1.5. VOCÊ ATUA FRENTE AO DESEMPREGO?

- 39,6% responderam, não.
- 9,6% responderam, sim.
- 59,3% não responderam.

Será que o fato de 34,5% terem respondido: conjuntura econômica e 28% terem respondido: conjuntura política, isto significa nível elevado de consciência?

1.2. DIFICULDADES QUE O DESEMPREGO PROVOCA:

– pessoais	19,4%
– sociais	66,3%
– profissionais	4,3%
– outras dificuldades	10,0%

Averiguamos neste item que 66,3% responderam que o desemprego traz dificuldades sociais: podemos concluir então que, uma grande maioria tem pré-disposição para uma luta concreta?

Olhando o próximo gráfico, a conclusão não parece ser esta.

1.3. COMO SOLUCIONAR O PROBLEMA DO DESEMPREGO?

– Não sabem	5,6%
– Pela caridade	2,5%
– Conscientização e união da classe	17,7%
– Paternalismo do Governo	20,9%
– Fontes de trabalho	19,4%
– Distribuição de renda	2,6%
– Outras	14,5%

Vemos então, que 20% das pessoas dizem que é o Governo que tem soluções e só 17,7%, falaram que é a união da classe que vai solucionar a questão; sendo assim, as 66,3% das pessoas mencionadas anteriormente, se relativizam quando analisamos estas respostas.

1.4. COMO ENFRENTAR O DESEMPREGO?

- 4,0% responderam, pela fé.
- 22,7% pela ação operária comunitária.
- 34,5% nada responderam.
- 25,0% deram respostas diversas.

Todas estas respostas do questionário sobre desemprego e subemprego, só após a apresentação destes dados, foram analisados pelos 130 participantes do Congresso, a partir de duas perguntas:

1 — Quais as causas do desemprego e subemprego?

2 — O que pode fazer a classe operária frente ao desemprego?

Para facilitar o reestudo nas bases, apresentamos aqui, o resumo das discussões em grupos.

O desemprego e suas causas

A verdadeira causa do desemprego, está na estrutura econômica e política d país que não responde aos interesses dos trabalhadores.

Política econômica agrava desemprego

A atual política econômica, adotada pelo Governo, desde novembro de 1980, só fes agravar o problema do desemprego. O número de desempregados e sub-empregados, desde janeiro do ano passado é alarmante. Já alcança 18 milhões e a tendência é aumentar. (População economicamente ativa 42 milhões).

Neste contexto, os que estão trabalhando – por medo de perder o emprego – aceitam vender seu trabalho por salários cada vez mais baixos, fazer horas extras, etc., ficando portanto, mais difícil a mobilização da classe trabalhadora.

Por outro lado, as empresas se modernizam procurando aumentar aprodução, reduzindo ainda mais o número de empregos da mão-de-obra.

No seu afã de lucro, as empresas despedem parte dos empregados antes dos reajustes semestrais. Para isto, contam com a cobertura do Governo, das leis, do FGTS e com a falta de combatividade dos sindicatos pelegos, que não defendem os interesses dos trabalhadores.

A Proposta do Governo

O Governo considera o desemprego atual apenas como uma coisa "passageira" ou "conjuntural" que será resolvido com o crescimento da economia do País.

A Proposta dos Trabalhadores

Estamos convencidos ce que não haverá solução real para o problema do desemprego, enquanto a economia e a política do País, não forem pensadas e organizadas para responderem às necessidades dos trabalhadores. Isto exige que se LUTE para mudar o atual sistema e organizar a sociedade sobre outras bases.

O que fazer?

– Desenvolver a consciência de classe, estimulando a organização dos trabalhadores em todos os níveis: nas empresas, nos sindicatos, nas organizações populares, nos partidos políticos que melhor respondam aos interesses dos trabalhadores.

– Procurar promover a solidariedade entre empregados e desempregados.

– Motivar a sindicalização e participação dos trabalhadores na luta sindical.

– Procurar tornar os sindicatos mais combativos para contribuir na luta pela mudança da atual estrutura sindical.

– Lutar para que a CUT surja com participação das bases.

– Lutar pela diminuição da jornada de trabalho, sem redução de salário.

– Romper com a atual política salarial.

Tema 2: CONSCIENTIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

2.1. VOCÊ PERTENCE OU PARTICIPA DE ALGUMA ENTIDADE? (de Igreja, Associação, Cooperativa, sindicato, Partido. . .?) Sim_____ Não_____.

	Sim	Não	Não especificou
Entidades da Igreja.....	44,2%	46,3%	9,3%
Cooperativas.....	5,0%	85,7%	9,1%
Associação de moradores....	16,5%	73,5%	98,0%
Partido político.....	12,5%	78,3%	8,9%

Pelas tabelas acima, podemos dizer que as pessoas atingidas pela ACO, estão ligados aos movimentos populares?

As colunas mais elevadas, são as de não participação. Não seria mais válido, analisar o porquê, da não participação? Além do mais, o que significa participação? O que significa 44,2% de participação na Igreja? O que significa participação em partido político?

2.2. É DIRIGENTE DE ALGUMAS DESTAS ENTIDADES?

Não..... 41,2%
Sim..... 16,6%
Não especificaram..... 42,0%

O que significa direção? Seria administração burocrática?

2.3. É SINDICALIZADO?

Sim..... 40,6%
Não..... 59,4%

No Brasil, o índice de sindicalização é de 9%. Na pesquisa, o índice de sindicalização é muito alto. Isto significa que a pesquisa foi feita no meio operário que possui um certo nível de conscientização.

2.4. SE NÃO É SINDICALIZADO' POR QUÊ?

14,0% não acredita na instituição
10,0% ausência de sindicato
13,3% falta de incentivo (tempo)
6,8% falta de informação
9,8% diversos
45,7% não especificaram

2.5. O QUE VOCÊ FAZ?

12,0% auxílio direto
1,1% conscientização pessoal
8,6% conscientização de outros
37,7% nada
15,9% não responderam.

O que pensar, quando se fala da conscientização dos outros e se esquece da conscientização de si mesmo?

Conclusões:

Conscientização e Participação

A conscientização supõe participação ou engajamento numa ação concreta. A simples informação (teoria) sem participação, não leva a uma verdadeira conscientização. A consciência se adquire pela reflexão em cima da prática. É refletindo a ação realizada na fábrica, no sindicato, no bairro, etc., que as pessoas vão se educando e ampliando seu nível de participação.

Tema 3: SALÁRIO

Esta pesquisa foi realizada quando o salário-mínimo era de Cr$ 8.000,00.

3.1. Quanto ao nível salarial, as respostas foram as seguintes:

9,0% . .	Cr$	5.000,00	a	Cr$	10.000,00
27,0% . .	Cr$	10.000,00	a	Cr$	20.000,00
18,0% . . .	Cr$	30.000,00	a	Cr$	40.000,00
4.0% . . .	Cr$	50.000,00	a	Cr$	60.000,00
2,0% . . .	Cr$	60.000,00	a	Cr$	70.000,00
1,0% . . .	Cr$	70.000,00	a	Cr$	80.000,00

+ de Cr$ 100.000,00, ninguém declarou.

O que significa o salário baixo em relação à economia brasileira? Como está distribuído o Produto Nacional Bruto? Como é a distribuição de renda no Brasil?

O valor do Salário-mínimo hoje, é bem menor que a do salário-mínimo de 1964.

3.2. Relação de dependência no trabalho

70,9% . . . . empregados
6,7% . . . . conta própria
20,8% . . . . não especificaram

3.3. Tipo de inserção no aparelho produtor

53,3% . . . . Indústria (operários)
29,1% . . . . Serviços
17,5% . . . . Comércio

Estas respostas dos questionários sobre conscientização e participação, foram aprofundadas no Congresso, em trabalhos de grupo.

Conclusão das discussões nos grupos

SALÁRIO

A política salarial é a base de sustentação da política econômica do Governo. Ela permite a rápida concentração de renda nas mãos de poucos e a super-exploração dos trabalhadores através dos baixos salários.

A política recessiva, adotada pelo Governo há um ano e meio, levou o país a uma crise econômica, cujos efeitos os trabalhadores estão sofrendo: desemprego, au-

mento desenfreado do custo de vida e baixa progressiva do valor real dos salários.

As reivindicações salariais são importantes porque, através delas, exigimos maior participação nas riquezas e porque forçamos o Governo a mudar os rumos de sua política econômica. Sabemos, no entanto, que a reivindicação salarial não é tudo na luta operária.

Uma das condições para a classe operária sustentar as conquistas ganhas, é obter um mínimo de organização. Sem organização, fica difícil enfrentar o sistema, especializado em manobras para desmoralizar a Classe Operária.

Tema 4: CONDIÇÕES DE VIDA, EDUCAÇÃO E HABITAÇÃO

4.1. Nível de instrução:

3,3%. . . . **analfabetos**
8,4%. . . . **alfabetizados sem cursos**
2,9%. . . . **sem curso de alfabetização**
37,1%. . . . **primário**
19,8%. . . . **ginásio**
18,1%. . . . **colegial**
7,3%. . . . **universitários**
2,5%. . . . **sem informações**

Esta tabela pode ter diferentes interpretações. Ela apresenta um índice de 2,9% de analfabetos, o que é muito baixo para o índice de analfabetismo no país que chega a 40% da população. Ela é baixa, mesmo no meio operário, onde as fábricas exigem o primário. Esta pesquisa não está sendo uma amostra da população. A ACO, está se relacionando com uma população de nível cultural alto, para o Brasil? por quê?

Perspectiva de vida: O que significa a quantidade de escolas, o acesso às Faculdades? O que está buscando o regime, o sistema, quando não dá condições de educação para o povo?

4.2. Condições de ocupação de domicílios

67,9%. . . . **casa própria**
26,2%. . . . **casa alugada**
2,0%. . . . **casa emprestada**
2,7%. . . . **favelas**

É importante analisar os três primeiros itens:

– Quem tem casa própria e alugada?

– O maior número de pessoas que moravam em casa alugada eram as que trabalhavam no comércio e nos serviços.

– Casa própria para o operário significa um meio de subsistência, conceito diferente das outras classes que se identificam com a burguesia (determinado bairro, determinado lugar).

– A percentagem de favelados é baixa. Por quê será? Quais as relações de operários de favelas e bairros operários?

Conclusão das discussões:

Condições de vida, educação e habitação

O ensino é feito fora da vida. Isto impede tomar consciência dos problemas e suas conseqüências.

Os professores não têm condições de conscientizar os alunos. Eles sabem que não podem ir muito longe. Por isso, a educação que se dá nas escolas, não permite o desenvolvimento das pessoas.

Falou-se da discriminação que sofrem as crianças ao pretender vaga nas escolas públicas e ginásios. Também fez-se referência ao problema do transporte e das refeições para as crianças que moram distante.

O Mobral ensina apenas a ler e a escrever, não ajuda a entender a realidade vivida.

O problema da habitação está se agravando cada vez mais, por causa dos baixos salários, dos preços dos aluguéis e da migração do campo para a cidade.

Na pesquisa, um grande número de operários afirmam ter casa própria. Isto não significa que tenham casa digna para morar. Muitos moram num barraco ou num quarto construído em terreno comunitário. Consideram ter casa própria, por não pagarem aluguel.

Para se adquirir uma casa pelo BNH, se exige uma renda familiar, acima das possibilidades dos trabalhadores, por isso, o problema da casa própria, não foi resolvido até hoje. O BNH só favorece a classe média.

Tema 5: SEXO, COR E FAIXA SALARIAL

Faixa Salarial	Mulher branca	Mulher preta
		(Tabela "A"
Cr$ 5.000,00 a Cr$ 10.000,00. . . .	16,0%	.19,0%
Cr$ 10.000,00 a Cr$ 20.000,00. . . .	33,0%	.31,0%
Cr$ 20.000,00 a Cr$ 30.000,00. . . .	18,0%	8,0%
Cr$ 30.000,00 a Cr$ 40.000,00. . . .	5,0%	6,0%
Cr$ 40.000,00 a Cr$ 50.000,00. . . .	4,0%	2,0%
Cr$ 50.000,00 a Cr$ 60.000,00. . . .	0,0%	2,0%
Cr$ 60.000,00 a Cr$ 70.000,00. . . .	1,0%	-,0%
Cr$ 70.000,00 a Cr$ 80.000,00. . . .	1,0%	-,0%

(Tabela "B")

Faixa Salarial			HOMENS	
			Brancos	Negros
Cr$ 5.000,00			,0%	,0%
Cr$ 5.000,00	–	Cr$ 10.000,00	3,0%	6,0%
Cr$ 10.000,00	–	Cr$ 20.000,00	23,0%	28,0%

Cr$ 20.000,00	–	Cr$ 30.000,00	21,0%	19,0%
Cr$ 30.000,00	–	Cr$ 40.000,00	16,0%	14,0%
Cr$ 40.000,00	–	Cr$ 50.000,00	7,0%	4,0%
Cr$ 50.000,00	–	Cr$ 60.000,00	3,0%	3,0%
Cr$ 60.000,00	–	Cr$ 70.000,00	2,0%	2,0%
Cr$ 70.000,00	–	Cr$ 80.000,00	1,0%	1,0%
Cr$ 80.000,00	–	Cr$ 90.000,00	1,0%	10,0%
Cr$ 90.000,00	–	Cr$ 100.000,00	0,0%	0,0%
mais de Cr$ 100.000,00			3,0%	0,0%

Comparando a faixa salarial das mulheres brancas – tabela "A" –, com a dos homens brancos, da tabela "B", como também das mulheres pretas e dos homens pretos, a diferença é grande.

É realmente uma amostra importante do racismo existente no país. O salário do homem negro é menor que o do homem branco. O da mulher branca é menor que o do homem negro. O salário da mulher negra é menor que o da mulher branca. Existe então uma discriminação de cor e de sexo.

Estes dados discutidos em grupo, nos dão um retrato real da discriminação que existe entre brancos e pretos, entre homens e mulheres.

Conclusão das discussões nos grupos sobre: **Sexo, Cor e Salário.**

A discriminação salarial atinge a mulher e o negro. A mulher negra é duplamente discriminada, por ser mulher e por ser negra.

A discriminação do negro é histórica, vem desde a escravidão. O Movimento negro reivindica a integração do negro na sociedade; luta para que o negro participe da vida social como todo mundo, sem sofrer discriminação por causa da cor e o leva a assumir a sua negritude. Há casos de pessoas, profissionalmente qualificadas, que não conseguem trabalho por causa da cor. É necessário denunciar estes fatos e procurar integrar a população branca-negra, evitando a divisão da Classe Operária.

Tema 6: ENGAJAMENTO DOS MILITANTES DA ACO

A reflexão dos grupos deu-se a partir das respostas de todo tipo de engajamento, em que estão inseridos os militantes da ACO.

Conclusão das discussões nos grupos:

A pesquisa atingiu mais os trabalhadores sindicalizados e das organizações de bairros. Gente com um certo nível de instrução, poucos analfabetos e pessoas que trabalham e estudam.

Por quê?

– As fábricas exigem pessoas que tenham pelo menos, o curso primário.

– Muitas pessoas têm vergonha de declarar seu nível de escolaridade, mais

ainda quando são analfabetas.

Desafio para a ACO

Procurar atingir os mais marginalizados. Por exemplo, os trabalhadores da Construção Civil que estão sujeitos à constante rotatividade, e aqueles que moram na periferia.

Preocupar-se com a formação de novos militantes.

PLENÁRIO

Foram feitas várias intervenções, complementando o trabalho dos grupos, sobre as causas e conseqüências do desemprego, sobre a luta sindical, o problema da discriminação racial e da mulher e sobre a educação das crianças do meio popular.

Desemprego e suas causas

Causa Estrutural

Desemprego sempre houve no Brasil. Interessa ao sistema capitalista manter sempre um certo número de desempregados para servir de ameaça aos que estão trabalhando. Dessa maneira, o Governo garante a política dos salários baixos, oferecendo aos patrões a possibilidade de lucros cada vez maiores. Isso indica que, dentro do sistema capitalista, não há solução para o desemprego.

Causa Conjuntural

A partir de novembro de 1980, o Governo passou a adotar uma política econômica recessiva, como forma de enfrentar a crise. Uma das conseqüências dessa política, está sendo o desemprego em massa.

As medidas econômicas do Governo, nada mais fizeram que descarregar o maior peso da crise nas costas dos trabalhadores.

Desemprego — arma para desmobilizar os trabalhadores.

Com o movimento grevista de 79-80, os trabalhadores perderam o medo e romperam o esquema repressivo do Governo. Hoje, com o desemprego em massa, os próprios trabalhadores se auto-reprimem com medo de perderem o emprego.

Algumas questões foram levantadas:

Como a classe operária pode mudar essa situação?

Só teremos vez se agirmos de forma organizada para enfrentar o "bicho" (Sistema Capitalista). Daí a importância da gente se filiar às organizações de classe para participar da luta operária.

Precisamos nos perguntar se as formas de lutas que estamos levando são as mais adequadas ou precisamos achar outras.

O Sindicato é o principal instrumento de luta do Trabalhador porém, se compararmos o movimento sindical de 1980 em Santo André, com o de hoje, sentiremos que houve um esvasiamento.

Conseqüências do desemprego e do baixo salário para as crianças do meio popular.

A maioria dos filhos de trabalhadores nascem de mãos desnutridas, continuam mal alimentadas e vivendo em condições desumanas nas favelas e bairros populares. Além disto, vivem num ambiente de tensão e nervosismo dos pais, por causa das preocupações com a sobrevivência. É normal que estas crianças entrem na escola com certas deficiências e a escola não ofereça oportunidade para que estas dificuldades sejam superadas. Pelo contrário, essas crianças são discriminadas, consideradas "burras" ou incapazes.

Foi colocado o problema do tipo de educação que as crianças recebem. Os professores são preparados para "fazer a cabeça das crianças", isto é, reproduzir o sistema. Os trabalhadores, por sua vez, mandam seus filhos para a escola com a mentalidade de que estudando, eles não virão a sofrer o mesmo que seus pais operários. Fez-se alusão a uma experiência de alfabetização, realizada por um grupo de escolas comunitária e ficou patente, que não haverá mudança na educação, se não mudar o sistema vigente.

O problema da discriminação salarial atinge a mulher, o negro e, sobretudo, a mulher negra. O negro só aparece na televisão fazendo propaganda de Vitassay.

CONTRIBUIÇÃO DOS ASSESSORES

Complementação do estudo do tema sobre: Problemas e ação da Classe operária, frente ao capitalismo, por um sociólogo, um economista e dois operários com militância sindical e política.

CAPITALISMO E CRISE

(Betinho, **Sociólogo**)

Não existe desenvolvimento capitalista sem crise. O problema é definir que tipo de crise estamos enfrentando. No Brasil, estamos enfrentando uma crise recessiva. A necessidade de consumo existe, porém o povo não possuí meios para consumir a produção estocada. Então existe uma oferta superior à capacidade de adquirir.

No Brasil, existe uma crise artificial, cujo preço a classe operária paga com o desemprego. Ela é real, não é fantasma. O Governo tem meios de fabricar a crise, por exemplo, restringindo os créditos. Os bancos passam a cobrar juros cada vez mais altos etc. . . O capitalismo é um sistema baseado nas desigualdades.

CAPITALISMO E EMPREGO

Existe uma lei fundamental do capitalismo: é a apropriação do trabalho vivo que se incorpora no produto e se vende no mercado. O trabalho vivo foi incorporado nas máquinas. Teoricamente, podemos viver numa sociedade onde as máquinas vão produzir e nós, seremos os consumidores. Já existe uma fábrica no Japão, onde só os robôs trabalham. Há uma tendência estrutural no capitalismo ao desemprego. O desemprego é mundial. Na Europa, onde os trabalhadores têm

uma experiência longa de luta, vamos encontrar, atualmente, mais de 20 milhões de desempregados. O capitalismo vive períodos cíclicos de desenvolvimento e estagnação. A guerra dá origem, por exemplo, à recuperação do capitalismo, pois ela destrói forças produtivas como fábricas, estradas, barragens. Quando ela termina é necessário um investimento maciço. As duas grandes guerras foram primordiais para a expansão do capitalismo dos EUA, Alemanha, Japão.

Qual a economia que leva ao pleno emprego? A economia socialista, pois ela não é guiada pelos princípios do capital e, sim, pelos do trabalho. Existem sociedades onde a classe operária se organizou melhor e conseguiu melhores condições de vida.

Para entender a realidade brasileira, devemos analisar três tipos de economia que se rearticulam:

— **Economia submersa** ou ilegal, clandestina. Ex: jogo do bicho, drogas, prostituição, trabalho sem carteira, confecções domésticas, etc.

— **Economia oficial** — São as empresas registradas, a economia que figura na estatística e sobre a qual o Governo tem um certo controle.

— **Economia: Empresas Transnacionais ou capitalismo transnacional.** É legal e ilegal, pois existe a evasão de remessas de lucro. Ela é a força motriz do processo de desenvolvimento do Brasil. É uma economia que está sob a hegemonia do grande capital.

Para entendermos a realidade brasileira, temos de olhar o Brasil desde o seu desenvolvimento. Nossa sociedade desde seu início até hoje, foi privilégio de uma pequena minoria que teve sempre o controle do poder político. Nunca tivemos regime capitalismo liberal, como na Inglaterra ou Suécia, pois vivemos numa sociedade autoritária. A grande luta nossa é, portanto, construir uma sociedade democrática, que vai ser a sociedade do futuro. O nosso presente, é a luta pela democratização, desde a família, passando pela fábrica, até o Estado.

CAPITAL E MÃO-DE-OBRA

(Piragibe Castro Alves, Economista)

Vamos comentar aqui a afirmação de que o sistema capitalista, é o responsável pela situação em que vivem os trabalhadores brasileiros.

O capital é uma relação social na qual existe alguém que aparece como dono dos meios de produção, enquanto outros, vendem sua força de trabalho. O capital é a fábrica produzindo, a matéria-prima, as instalações, os equipamentos, é também o trabalho materializado. Um indivíduo que se apodera deste trabalho se diz dono do capital e impede os trabalhadores de se beneficiarem com seu trabalho.

Vejamos como funciona isto na prática. O capitalismo visa o lucro. Quanto maior o lucro, melhor o funcionamento do sistema. E, quando os empresários não estão satisfeitos com o lucro, impõem uma política de arrocho salarial para obter super-lucros. Eles conseguem isto através da super exploração da mão-de-obra.

1º **Compreensão salarial** — Os salários reais baixaram nos últimos vinte anos. Além disso, o rendimento dos trabalhadores, está concentrado na faixa de até três salários-mínimos. 80% dos operários, ganham até três salários-mínimos e 90% dos agricultores, também. Em 1960 os operários recebiam 12,8% da produção industrial. Em 1980, eles recebem apenas 5,6%.

2º **Aumento de produtividade** — A produtividade da mão-de-obra cresceu 124% nos últimos vinte anos. Mas não foi incorporada ao salário, servindo somente para beneficiar os empresários. Os patrões conseguiram em 1981 impor as principais categorias profissionais, um índice zero de produtividade, tendo colaborado para isto os dirigentes sindicais pelegos.

A fábrica FORD — na Alemanha — tem 8.000 empregados e produz por dia 1.100 veículos. A VOLKS, em São Bernardo, tem 34.000 empregados e produz a mesma coisa. A produtividade média, da mão-de-obra na Alemanha é 04 vezes superior a do Brasil. Isto significa que também no Brasil, as maiores empresas, vão fazer investimentos para automatizar suas fábricas. Mas estas medidas vão agravar a situação dos trabalhadores pois no Brasil o sub-emprego e o desemprego já são problemas muito graves.

3º **Poupança forçada** — Uma das razões, pela qual existe uma crise de sub-consumo atualmente no Brasil é o programa de poupança forçada, imposto pelo Governo aos trabalhadores, através de instrumentos como o PIS/PASEP e o FGTS que retiram dos trabalhadores cerca de 20% de seus salários para criar fundos de investimento que vão beneficiar as grandes construtoras, as montadoras, as indústrias, enfim o capital monopolista nacional e internacional.

4º **A modernização capitalista** — Esta modernização no Brasil vem aprofundando o êxodo rural, aumentando as periferias urbanas, lançando no mercado de trabalho gente sem qualificação que não consegue emprego e se marginaliza. A periferia é um fator de desagregação social, pois ela tende aumentar cada vez mais. Outra conseqüência grave é o sub-investimento social como educação, habitação, saúde, transporte. Este sistema é excludente, cria a periferia e impede que os mais fracos tenham possibilidade de participar nos benefícios sociais da produção.

Na habitação — O BNH, foi montado para produzir habitação popular, a preço reduzido. As empresas se associaram ao sistema, através dos Bancos, das APEs e SCIs, visando apenas lucros e se consolidaram como grandes construtoras. Só haverá habitação popular quando o povo se apropriar do sistema.

Educação — Somente um sistema de educação popular pode mudar a escola.

Saúde — Existem centenas de grupos econômicos lucrando a partir do sistema de saúde. Ele foi feito para dar lucro e não para cuidar da saúde do povo. No Brasil a medicina social não existe, pois a medicina curativa enriquece os médicos.

Transporte — O transporte coletivo é cada vez mais precário pois foi criado só para atender as necessidades da empresa: transportar os trabalhadores de suas casas para o local de trabalho.

Poderíamos então perguntar: é possível reformar o sistema? Acreditamos que não, que o sistema capitalista sendo baseado na desigualdade social, é perverso por natureza. Ele possui a perversidade dentro de si.

ORGANIZAÇÃO SINDICAL NO BRASIL E A NÍVEL INTERNACIONAL

(Ferreirinha)

A situação entre os operários do Brasil e da Europa é contraditória, assim como a sua diferente organização sindical. Nesta colocação, é fundamental observar a importância do papel do Sindicato, como instrumento de luta (ação), organização e formação dos trabalhadores.

Política salarial e poder aquisitivo

Hoje, o salário de um servente (salário-mínimo) na França é de Cr$. . . . 90.000,00 por mês. Na França como em qualquer país europeu, o salário-mínimo é nacional. Não existe esta história, como no Brasil, em que os trabalhadores do NE ganham menos do que os do Sul.

Poder aquisitivo — Na França, com duas horas de trabalho compra-se um quilo de carne (boa), enquanto aqui, com o salário-mínimo do Sul, precisamos de cinco horas de trabalho. Com um terço do salário-mínimo, um operário francês ou belga pode alugar uma boa casa ou Apartamentos no subúrbio; aqui, de acordo com os aluguéis, nem um salário-mínimo inteiro dá.

Desemprego — Apenas dois dados de comparação:

— Na Europa, em geral, se trabalha 40 horas semanais. A reivindicação do Movimento Sindical é baixar para 35 horas semanais sem perda de salário.

— Outra coisa que existe é o Salário-Desemprego. Todo desempregado por razões econômicas, quer dizer, o operário que for demitido porque a Empresa se acha em crise, recebe uma percentagem do seu salário por mês. Na Alemanha, o operário recebe 78% do seu último salário líquido, durante um ano. O desempregado se apresenta, a cada quinze dias. na Agência Federal de Trabalho. Esta Agência se encarrega de durante este período, arranjar colocação para o desempregado, assim como de lhe indicar cursos profissionalizantes, etc. Após um ano, se o operário não encontra emprego, então o salário cai para 68%. Com estes exemplos, podemos perceber como a classe operária já conquistou o "Salário-desemprego" em outros países, como França, Itália, etc.

Previdência Social — A Previdência Social funciona. Os melhores hospitais pertencem ao Estado. Cada assegurado pode ir a qualquer consultório médico, apresentar seu cartão (o qual é válido também para sua família) e será logo bem atendido. Não existe médico ou hospital do INAMPS (na França se chama Securité Sociale). O que existe, é o Hospital do Estado, com médicos de qualquer especialidade, que atendam a qualquer contribuinte da Previdência Social. Ninguém precisa fazer ficha e esperar semanas por uma consulta, ou chegar às cinco horas da manhã para ganhar o atendimento. Os contribuintes são: os trabalhadores, os patrões e o Governo, como aqui. A administração é que muda. Nestes países da Europa, os trabalhadores têm os seus representantes sindicais, preparados para este fim. Não é o Ministro que determina o que fazer com o dinheiro dos trabalhadores.

O Poder Sindical – A primeira questão é a seguinte: por que os companheiros e as companheiras operários(as) da Europa têm um nível de vida superior ao nosso? Em geral, o que ouvimos é a seguinte resposta: os países da Europa são países desenvolvidos, países ricos, etc. . . e nós somos subdesenvolvidos, país pobre, país do Terceiro Mundo, etc. Entretanto, todas as grandes multinacionais existentes na Europa estão aqui no Brasil. Ocupamos o 8º lugar na produção mundial e estamos ao lado das grandes Nações como EUA, Alemanha e Japão. Mas a situação dos trabalhadores está muito aquém daquilo que o Brasil representa. A nossa situação, tanto do ponto de vista das condições de vida e de trabalho, como da liberdade e autonomia sindical, se não é a pior, se coloca entre as piores do mundo. É verdade que o capitalismo na Europa é mais desenvolvido, é mais antigo (aliás o capitalismo nasceu na Europa) mas isto não explica e muito menos justifica, esta enorme diferença que acabamos de constatar. O que explica as melhores condições dos europeus, é a história das lutas que a classe operária desenvolveu e vem desenvolvendo até hoje, contra a exploração capitalista. Nesta história, de mais de dois séculos de luta da classe operária, o sindicato tem cumprido, certamente, o principal papel na luta dos trabalhadores. Além das conquistas materiais, houve a conquista da liberdade e autonomia sindical, o direito da organização sindical no local de trabalho (Seção Sindical de Empresa), a defesa da mulher operária, o trabalho do menor (na Europa todos vão à escola até aos 16 anos), a saúde e transporte, o lazer etc. . . Os dirigentes sindicais, a nível estadual e nacional, são eleitos em Congresso pelos delegados de base. A formação sindical faz parte da vida dos militantes. Na Itália, por exemplo, todos os trabalhadores tem direito a 108 horas pagas, por ano, para sua formação. O mesmo acontece na França, tudo isso é conquista do Movimento Sindical.

É a partir das lutas dos operários organizados em sindicatos, partidos e Associações de bairros, que se explica o fato de na Europa o lucro do patrão não ser tão exorbitante como no Brasil. Aqui, os Bancos chegam a 500% de lucro, como em 1981, e as grandes empresas, em geral, mais de 200%. Isso é inconcebível na Europa.

Esta comparação não é para dizer que tudo é maravilha naquelas bandas. Ao contrário, a exploração capitalista é a mesma porém, a luta, a organização dos operários evita que a ganância desenfreada dos patrões cheguem ao absurdo que chegou no Brasil. Aqui, a concentração e acumulação do capital chegam a espantar qualquer militante sindical italiano ou francês.

No Brasil, as multinacionais e os grandes patrões brasileiros contaram com todos estes anos de ditadura para impor, aos trabalhadores, o arrocho salarial que chegou ao ponto em que nos encontramos hoje: o salário-mínimo não dá para o aluguel de um mês, numa casa de subúrbio; o gerente de banco ou de uma grande empresa ganha de 30 a 40 vezes o salário-mínimo. A situação econômica social, do trabalhador brasileiro é das piores do mundo. Em contrapartida, o Brasil é colocado como o 8º ou 9º país na produção mundial.

As lutas e conquistas sindicais nestes últimos cinco anos no Brasil – Assim como na Europa, ou em qualquer parte do mundo, também no Brasil, foram as lutas operárias destes últimos cinco anos que retomaram algumas conquistas para os trabalhadores. Foram alcançadas desde a taxa de produtividade até o

reajuste semestral; e do ponto de vista de liberdade sindical, a conquista da comissão de fábrica em São Bernardo. Muitas outras conquistas foram feitas e que não são publicadas pela imprensa, das quais se beneficiam os trabalhadores, graças à luta sindical. Entretanto, é preciso ressaltar um ponto importante. As lutas desenvolvidas foram conduzidas por aqueles sindicatos onde as diretorias são autênticas, combativas, e têm uma prática democrática ou ainda, nos sindicatos onde as diretorias pelegas foram à reboque dos militantes de oposição sindical.

– As concepções e práticas sindicais no Brasil de hoje

Certamente existem várias concepções sindicais, mas elas não se manifestam como força no movimento sindical. São isoladas e não é o caso de tratarmos delas aqui. Devemos levantar aquelas concepções que se observam com mais freqüência e que têm maior ou menor influência no conjunto do país. A primeira é formada por aqueles que defendem a liberdade e autonomia sindical, mas que se limita ao desatrelamento do sindicato ao Ministério do Trabalho, mantendo a atual estrutura sindical. Defendem a CUT (Central Única dos Trabalhadores), a partir das Confederações e Federações. Esta é a corrente da chamada UNIDADE SINDICAL.

A segunda é aquela formada pelos dirigentes autênticos e pelas oposições sindicais. Estes defendem a CUT pela base e foi vitoriosa na primeira CONCLAT. A CUT pela base, significa democratizar os sindicatos, a sindicalização em massa, a participação dos trabalhadores na elaboração e decisão da política sindical. É um sindicalismo combativo, presente na vida cotidiana dos trabalhadores, presente nos locais de trabalho a exemplo de São Bernardo e Niterói.

Os trabalhadores e o Sindicato no Brasil

A média de sindicalização no Brasil é baixíssima (12%). Os trabalhadores não acreditam no sindicato. Em geral, têm o sindicato, como um órgão de assistência social. O sindicato não faz parte de sua vida. Isto se deve ao fato do sindicato estar distante dos trabalhadores. Naqueles sindicatos, onde as diretorias são combativas, ou a oposição sindical é forte, o nível de sindicalização varia de 40% a 50%.

A ACO e a militância sindical

A ACO tem uma contribuição importante na transformação do movimento sindical. A Revisão de Vida deve ter bem presente a questão sindical e estimular os militantes a uma participação ativa nas suas categorias. É inconcebível ser militante da ACO, sem ser militante sindical. O sindicato é o instrumento privilegiado dos trabalhadores na luta por melhores condições de vida e de trabalho.

POLÍTICA PARTIDÁRIA

(Wilson Farias, operário)

A pesquisa mostrou que 90% dos entrevistados não têm participação partidária.

Para a maioria dos trabalhadores, política é sinônimo de politicagem, pilantragem. A principal causa disso são os 18 anos de ditadura que tirou de nós trabalhadores, a possibilidade de uma real participação política.

Nos anos 64-65, o Governo fez a reforma política partidária, acabou com os partidos políticos; criando ARENA e MDB. O povo não participou em nada desta decisão.

De 1965-1968, foram decretados vários Atos Institucionais. O último deles foi o AI-5 que deu, ao Presidente da República, poderes para fechar o Congresso e cassar os direitos políticos de quem desejasse. Muitos foram cassados, debilitando a oposição (MDB).

E em 1974 – Com a eleição de Geisel, que assume o compromisso de rejeitar a fase dura, repressiva, que vinha desde 1968 e de abrir-se a uma democracia lenta e gradual, é lançada a política da distenção. Deu possibilidade à certa liberdade de imprensa e maior espaço para a oposição.

Wladimir Herzog e Manoel Fiel foram mortos nas salas de torturas e em conseqüência disto, foi demitido o Comandante do 2º Exército.

Em 1974-75-76 – Na realidade, quem decidia as coisas era o Ministro do Exército, o General Frota. Geisel, com intenção de mostrar que assumiu o poder político, não permitia o pronunciamento político dos militares. Então, demite Frota.

1978 – Apesar da Lei Falcão, o MDB ganha espaço no parlamento com o resultado das eleições.

Entre 1978-79, aconteceram mais de 100 greves no país, mobilizando um milhão e duzentos mil trabalhadores. Para desmobilizar o movimento grevista, o Governo reforma a Política Salarial e os reajustes passam a ser semestrais.

É feita a Reforma Partidária; fim do bi-partidarismo que tem por objetivos: esfacelamento da oposição; criação de, no máximo, quatro grandes partidos; desviar a atenção dos políticos dos problemas reais, como: a inflação dívida externa, desemprego e recessão econômica.

O pluripartidarismo divide a oposição: PMDB, PT, PP, PDC, PDT e PTB.

No PP, estão os dissidentes da Arena e Anti-comunistas, os Banqueiros, representados por Tancredo Neves.

No PMDB, os moderados, representados por Franco Montoro, a ala esquerda do MDB com apoio do Partido Comunista, representados por Ulisses Guimarães.

No PTB, a ala de Ivete Vargas e a ala Trabalhista que depois se transforma em PDT, tendo Brizola como cabeça.

O PT, surge das lutas sindicais de São Paulo, tendo à frente Luis Inácio da Silca – o Lula e ativistas dos movimentos sociais de todo país.

O PDS, onde está a antiga ARENA, continua sendo maioria como partido do Governo.

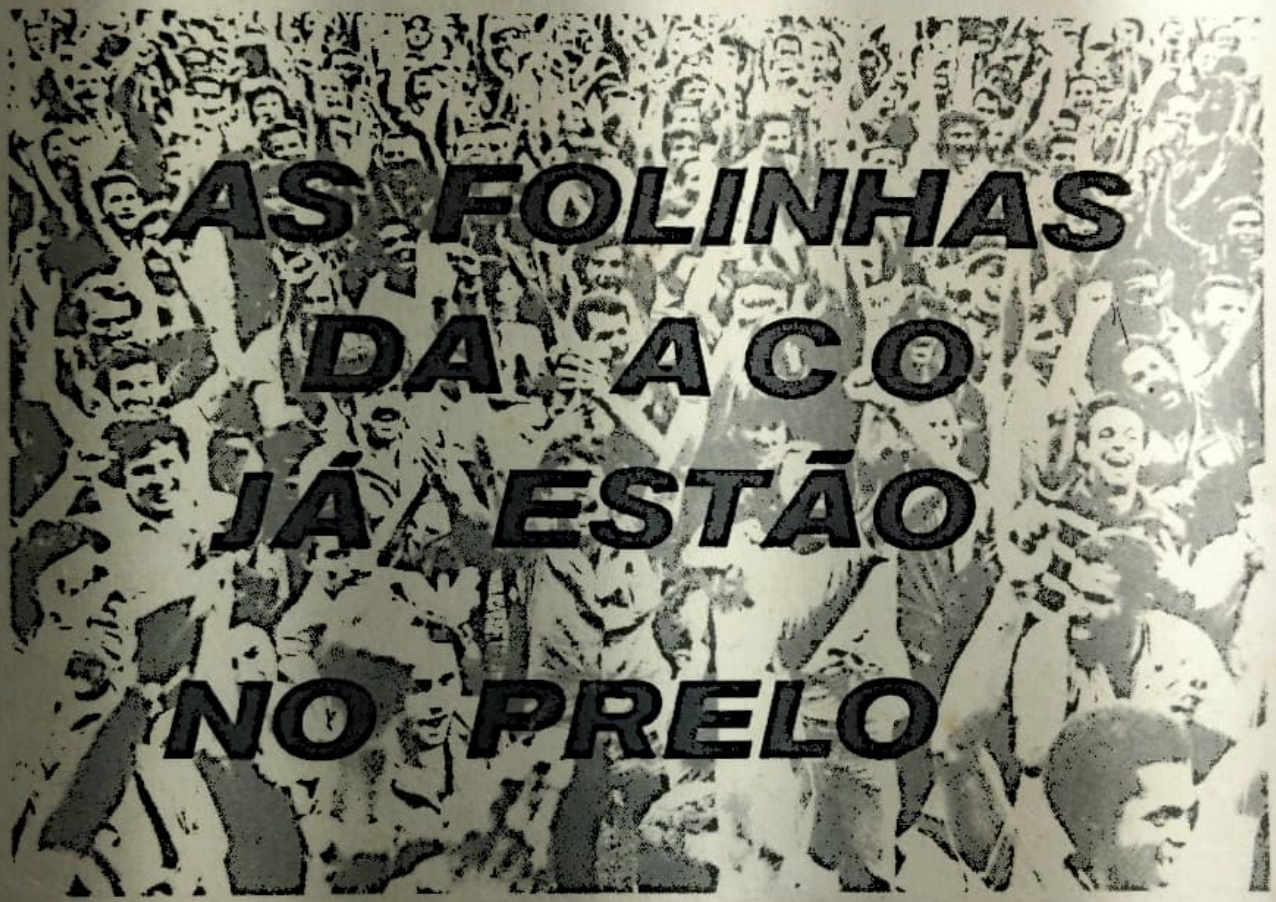
Esses partidos, para permanecerem como partidos, precisam alcançar um quorum de 5% de votos nas eleições de novembro e um quorum de 3% na Assembléia Legislatica. No conjunto, poucos partidos têm uma proposta conseqüente para mudar esta estrutura que aí está.

Os partidos legalizados que participam das eleições são: PDS, PT, PMDB, PTB, PDT.

A.C.O.

AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA
DO BRASIL

1982



AS FOLINHAS DA ACO JÁ ESTÃO NO PRELO

Greve da Fiat de Xerém RJ – 12/5/81 – Foto: Luis Carlos

AGUARDE!

Maio 1982

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
7 - CHEIA 16 - MING 23 - NOVA 29 - CRESC		1 - DIA MUNDIAL DO TRABALHADOR. 23 - ASCENÇÃO DO SENHOR				1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23/30	24/31	25	26	27	28	29

GREVE DA FIAT
1ª GREVE CONTRA
O DESEMPREGO NO BRASIL
4 DE MAIO DE 1981

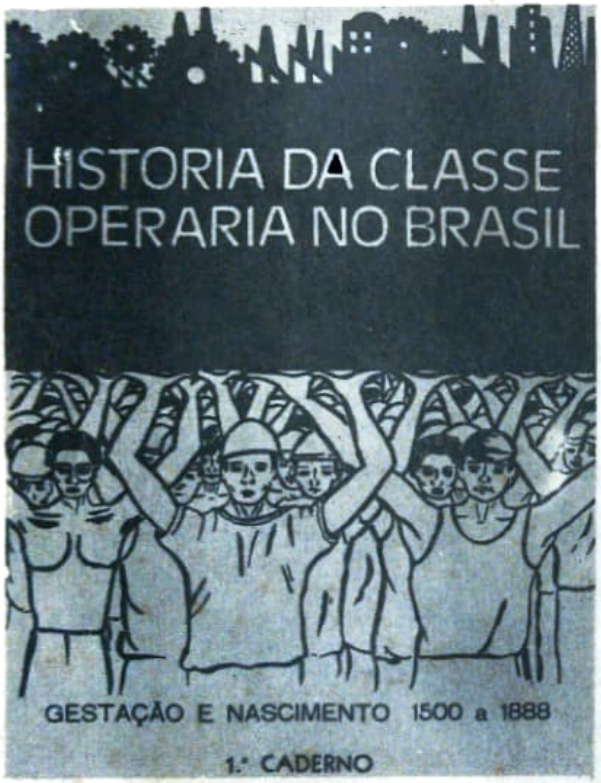
Os trabalhadores da FIAT entram em greve reivindicando:

- Um ano de garantia de emprego
- Retorno dos 250 demitidos
- Readmissão dos dois delegados

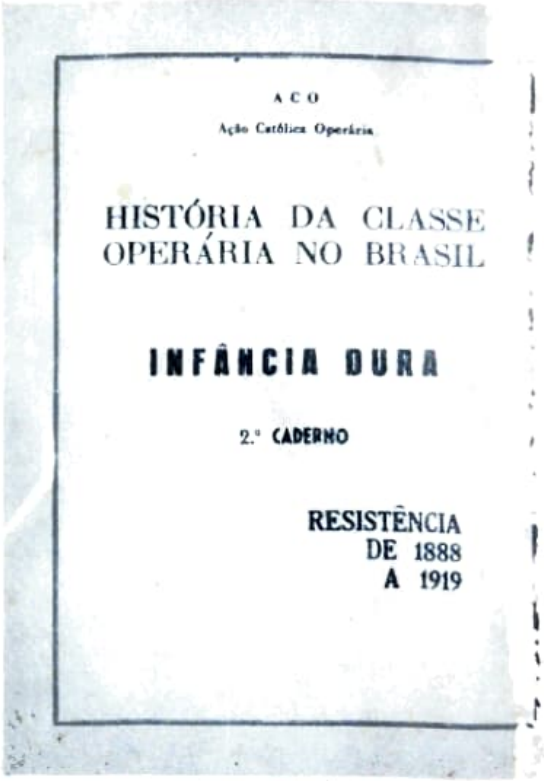
Em 12 de maio o TRT julga a greve legal.

Em 04 de junho o mesmo tribunal julga improcedentes as reivindicações.

LEIA E DIVULGUE
OS CADERNOS DA HISTÓRIA DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL



Cr$ 180,00



Cr$ 220,00

É um Trabalho que Merece

Ser conhecido, Relata Fielmente

Todo Desenrolar da História

Construida pela Classe Operária

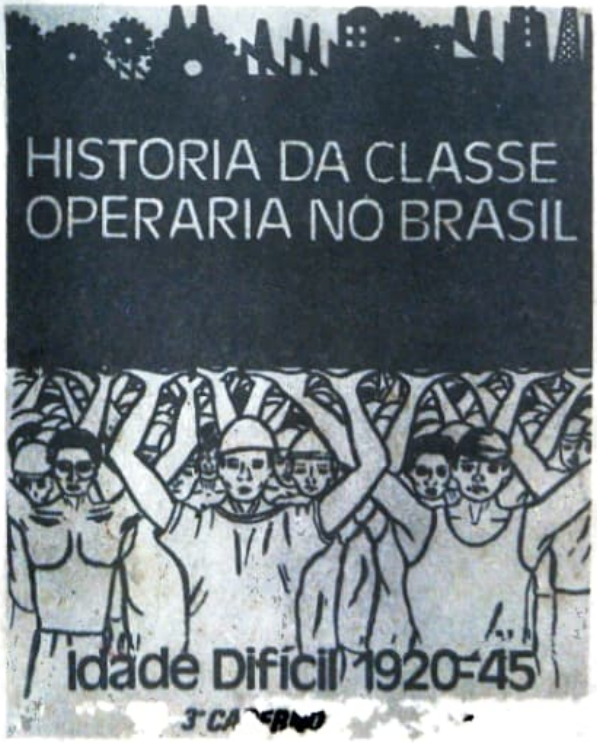
A Custa de Muito

´SUOR E SANGUE

Os Pedidos Devem ser Feitos

A ACO-Ação Católica Operária do

Brasil, Rua Chichorro, 62 Caturnbi



Cr$ [illegible]